

Congresso internacional quer juntar Índia ao mercado lusófono. Rita Santos pede promoção a Goa, Damão e Diu

Por: **ANDREIA SOFIA SILVA**

16 Jan 2014



Chegou ontem ao fim o congresso internacional intitulado “Índia e o Mercado Lusófono”, que pretende uma maior aproximação comercial ao mundo da CPLP. A secretária-geral adjunta do Fórum Macau diz que é preciso dinamizar as oportunidades de investimento nas três ex-colónias portuguesas do país

A Índia quer ir para além das cooperações bilaterais que possui com países de língua portuguesa, e, por isso realizou-se, nos dias 14 e 15, o congresso internacional “Índia e o Mercado Lusófono”, com organização da Sociedade Lusófona de Goa (SLG).

Questionada sobre o papel que a Índia pode desempenhar neste contexto, uma vez que Macau já possui a função de plataforma entre a China e os países de língua portuguesa, Rita Santos, secretária-geral adjunta do Fórum Macau, prefere destacar a importância das regiões de Goa, Damão e Diu, por ainda ter falantes de português. “É precisa uma maior promoção, porque poucas pessoas conhecem as oportunidades de investimento. Pessoalmente não conheço. Por isso digo que é precisa uma maior promoção para atrair investidores para lá, porque é um ponto de cooperação com a China. É precisa uma cooperação da parte do Governo local e dos investidores”, disse ao HM.

Rita Santos frisou ainda as cooperações a nível desportivo e cultural que têm acontecido e da ligação que as três regiões da Índia têm com Macau, nomeadamente através do Núcleo de Animação Cultural de Goa, Damão e Diu.

A PLATAFORMA INDIANA

À agência Lusa, Aurobindo Xavier, presidente da SLG, disse que o congresso pretendeu ser “uma oportunidade para criar uma plataforma comum entre a Índia e esses países”, a fim de ser “um aglutinador para que os diversos participantes empresariais tenham contactos directos”. “Já existe

uma relação bilateral entre a Índia e cada um dos países de língua oficial portuguesa, mas o que não existe, e é esse o foco do nosso congresso, é uma plataforma comum entre a Índia e os países lusófonos, como existe a confederação empresarial dos países lusófonos, no âmbito da CPLP, ou seja, não há uma cooperação entre a Índia e os lusófonos como um todo.”

No encontro estiveram reunidas empresas e diversas entidades de Angola, Moçambique, Portugal e Brasil, e também da própria Índia, tudo para se estabelecer um “contacto directo” para a criação de “futuros negócios”.

Mais do que contactos estreitos entre empresários, o congresso promoveu ainda a realização de diversas palestras, cujas temáticas abordaram diversas perspectivas socioeconómicas dos países falantes de português.

Segundo Aurobindo Xavier, a Índia tem seguido “uma intensiva busca de negócios em cada um dos países lusófonos, particularmente os maiores (Brasil, Angola e Moçambique) porque descobriu que esse eixo no hemisfério sul traz vantagens em termos de cooperação bilateral e exploração dos recursos naturais desses países”.

O responsável pela SLG deu ainda como exemplo o facto de “5% das necessidades petrolíferas da Índia serem provenientes de Angola, embora isso não esteja reflectido nas estatísticas oficiais porque os negócios são feitos através de empresas intermediárias provenientes de países terceiros” e lembrou os “vários acordos bilaterais” estabelecidos com Moçambique.” Os acordos comerciais existem também com Portugal e Guiné-Bissau.